

A construção do Mito: a imagem boliviana de Che Guevara

SICHINEL, Kauê Carlino

Durante a noite do dia 7 de novembro de 1966, Che Guevara chegou a Ñacahuasú, vindo de La Paz. Inicialmente, a intenção era fazer da Casa de Calamina e do Acampamento Central sedes para os iniciais preparativos da guerrilha: reconhecimento de território, formação e treinamento do Exército de Libertação Nacional (ELN).

No decorrer dos fatos, que preenchem um total de onze meses, nota-se a construção de um fracasso. Durante os últimos meses de 1966, tem-se um Guevara confiante no triunfo e na solidez do ELN. Muito diferente do Che Guevara que em 7 de outubro de 1967 relatava suas últimas linhas e se encontrava próxima ao povoado de La Higuera, batendo em retirada.

No dia 8 de outubro, Guevara travaria seu último combate e seria levado para a pequena escola de La Higuera, de onde sairia somente no dia 9 de outubro rumo à cidade de Vallegrande, já sem vida, para ter seu corpo exposto como troféu de guerra pelo Exército boliviano.

A exposição de seu cadáver em Vallegrande, no dia 9 de outubro de 1967, tinha o intuito de servir como exemplo do poder repressivo do Exército para com movimentos subversivos. Mas o que o Exército não esperava era que a mesma população que se aglomerava junto ao portão do Hospital Senhor de Malta com a intenção de linchar o corpo de Guevara, começaria a mitificá-lo e santificá-lo.

Sua captura e execução em La Higuera e a posterior exposição de seu cadáver em Vallegrande são os principais fatos que possibilitam o desencadear do processo de sacralização de sua imagem através do imaginário social em La Higuera e Vallegrande. Tais fatos também contribuem, relevantemente, para a popularização da interpretação de Che Guevara enquanto mito político para tais localidades e para as cidades de Samaipata e de Pucará.

Mas apenas esses fatos não justificam nenhuma das duas interpretações. Para isso, deve-se expandir a quantidade de fatos analisados e interpretá-los como parte de um processo histórico que resulta nas interpretações de Guevara como mito e como santo. Também se deve levar em conta a conjuntura política boliviana do período (a Bolívia estava subordinada a um regime ditatorial militar, onde a relação Exército – sociedade era caracterizada pelo uso de métodos repressivos), o catolicismo como prática religiosa, a perpetuação da precária conjuntura econômica das regiões analisadas e a inserção de Guevara no campo político e no imaginário social, onde as propostas revolucionárias do ELN se opõem à prática política do Exército boliviano e a semelhança física de seu cadáver com Jesus Cristo é sempre enfatizada.

O presente trabalho tem como objetivo compreender os elementos que possibilitam o surgimento das duas interpretações e analisar as atuais representações da imagem do guerrilheiro Ernesto Che Guevara no imaginário social boliviano através de entrevistas orais com moradores de Samaipata, Pucará, Vallegrande e La Higuera.

Sendo tematicamente dividido em duas partes, a primeira parte é destinada à análise das representações de Che Guevara enquanto mito político nas regiões de Samaipata, Pucará e Vallegrande. Para tais análises utilizamos entrevistas com Danielo Nontenegro Fernandez¹ em Samaipata, Conrado Calsadilla Cortés² em Pucará e Gonzalo Flores Gúzman³ em Vallegrande.

¹ Morador de Samaipata durante o período de atividades guerrilheiras, viu Che Guevara em 06/06/1967 quando estava vindo de Santa Cruz para Samaipata. Atualmente trabalha como guia no Forte de Samaipata.

² Morador de Pucará durante a guerrilha do ELN.

³ Morador de Vallegrande. Trabalhou nas escavações à procura dos restos mortais de Guevara em 1997 e, atualmente, é guia da Rota do Che em Vallegrande e La Higuera.

A segunda parte se destina à análise da representação de Che Guevara enquanto santo social e do processo histórico que permite a interpretação e perpetuação de sua condição de santo nas regiões de Vallegrande e La Higuera, sendo denominado como *San Ernesto*. Para isso, fizemos uso das entrevistas orais realizadas em Vallegrande com Susana Osinaga Robles⁴ e Julia Cortés Rosinalga⁵, e em La Higuera com Irma Rosado Carriles⁶ e Policárpio Cortés Severiche⁷.

⁴ Enfermeira, moradora de Vallegrande, encarregada de lavar o corpo de Guevara no dia 09/10/1967 No hospital Senhor de Malta, em Vallegrande.

⁵ Professora vallegrandina que durante a semana lecionava em La Higuera e foi a última civil a conversar com Guevara, quando o mesmo estava preso na escola de La Higuera.

⁶ Moradora em La Higuera, em 1967 presenciou o desencadear os fatos em La Higuera e alega ter conversado com Guevara.

⁷ Campesino morador de La Higuera, em 1967 teve contato com alguns dos guerrilheiros do ELN, incluindo o próprio Che Guevara.